

A
PIRÂMIDE
VERMELHA



A
PIRÂMIDE
VERMELHA

RICK RIORDAN

TRADUÇÃO DE DÉBORA ISIDORO



Copyright © 2010 Rick Riordan
Edição em português negociada por intermédio de
Nancy Gallt Literary Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

TÍTULO ORIGINAL
The Red Pyramid

PREPARAÇÃO
Luciana Bastos Figueiredo

REVISÃO
Antônio dos Prazeres
Joana Milli
Clarissa Peixoto
Milena Vargas
Rodrigo Rosa
Shirley Lima

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE.
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

R452p

Riordan, Rick
A pirâmide vermelha / Rick Riordan ; tradução de
Débora Isidoro. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2010.
(As crônicas dos Kane ; v.1)

Tradução de: The red pyramid
ISBN 978-85-98078-97-7

1. História de aventuras - Literatura infantojuvenil.
2. Mitologia egípcia - Literatura infantojuvenil. 3. Literatura
infantojuvenil americana. I. Isidoro, Débora. II. Título. III.
Série.

10-5070.

CDD: 028.5
CDU: 087.5

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

*Para todos os meus amigos bibliotecários,
defensores dos livros, verdadeiros mágicos na Casa da Vida.
Sem vocês, o escritor estaria perdido no Duat.*

Sumário

	Aviso	9
1.	Uma morte na Agulha	11
2.	Uma explosão de Natal	24
3.	Aprisionada com minha gata	34
4.	Raptados por alguém não tão estranho	42
5.	Encontramos o macaco	51
6.	Café da manhã com um crocodilo	62
7.	Deixo um homenzinho cair de cabeça	81
8.	Muffin brinca com lâminas	99
9.	Fugimos de quatro caras de saia	107
10.	Bastet fica verde	114
11.	Conhecemos o lança-chamas humano	120
12.	Mergulhamos em uma ampulheta	129
13.	Eu encaro o peru assassino	133
14.	Um francês quase nos mata	143
15.	Uma festa de aniversário divina	153
16.	Como Zia perdeu as sobrancelhas	165
17.	Uma péssima viagem a Paris	180
18.	Quando os morcegos de frutas ficam maus	190
19.	Um piquenique no céu	208
20.	Eu visito a deusa estrelada	219
21.	Tia Kitty no resgate	227
22.	Leroy é apresentado ao armário da desgraça	236
23.	A prova final do Professor Tot	245
24.	Explodo alguns sapatos de camurça azul	261
25.	Ganhamos uma viagem com tudo pago para a morte	274
26.	A bordo do <i>Rainha Egípcia</i>	281

27.	Um demônio com amostras grátis	295
28.	Dou uma volta com o deus do papel higiênico	303
29.	Zia marca um encontro	321
30.	Bastet cumpre sua promessa	330
31.	Eu entrego um bilhete de amor	343
32.	O lugar das cruzes	350
33.	Entramos no ramo dos molhos	363
34.	Doughboy nos dá uma carona	372
35.	Homens pedindo informações (e outros sinais do Apocalipse)	377
36.	Nossa família vira vapor	383
37.	Leroy consegue sua vingança	393
38.	A Casa sente-se em casa	399
39.	Zia me conta um segredo	404
40.	Eu arruino um feitiço muito importante	412
41.	Paramos de gravar, por enquanto	427
	Nota do autor	447

AVISO

O que você vai ler neste livro é a transcrição de um registro digital. Em certos pontos, a qualidade do áudio era ruim, por isso algumas palavras e frases representam o melhor palpite do autor. Sempre que possível, ilustrações de símbolos importantes mencionados na gravação foram adicionadas. Ruídos de fundo, como os de xingamentos, agressões e tabefes entre os dois locutores, não foram transcritos. O autor não assegura a autenticidade do registro. Parece impossível que seja verdade o que dizem os dois jovens narradores, mas você, leitor, deverá decidir por si.



1. Uma morte na Agulha

TEMOS APENAS ALGUMAS HORAS, por isso escute com atenção.

Se você está ouvindo esta história, já corre perigo. Sadie e eu podemos ser sua única chance.

Vá para a escola. Encontre o armário. Não vou dizer que escola ou que armário, porque, se você é a pessoa certa, vai encontrá-los. A combinação é 13/32/33. Quando você terminar de ouvir a gravação, vai saber o que esses números significam. Lembre-se apenas de que a história que estamos começando a contar ainda não terminou. O final vai depender de você.

O mais importante: quando abrir o embrulho e descobrir o que há dentro dele, *não* o guarde por mais de uma semana. Sim, será tentador. Mas o que quero dizer é que o que está nele vai lhe dar um poder quase ilimitado. E, se você o filar com ele por muito tempo, isso o consumirá. Domine rapidamente seus segredos e passe-o adiante. Esconda-o para ser achado pela pessoa seguinte, como Sadie e eu fizemos. Depois, prepare-se para ver sua vida ficar bem mais interessante.

Tudo bem, Sadie está me dizendo para parar de enrolar e continuar com a história. Bom, acho que tudo começou em Londres, na noite em que nosso pai explodiu o British Museum.

Meu nome é Carter Kane. Tenho quatorze anos e minha casa é uma mala.

Você acha que estou brincando? Desde os meus oito anos, meu pai e eu viajamos pelo mundo. Nasci em Los Angeles, mas meu pai é arqueólogo, por isso seu trabalho o leva a muitos lugares. Vamos principalmente ao Egito, que é sua especialidade. Entre em uma livraria e encontre um livro sobre o Egito: há uma boa chance de que tenha sido escrito pelo Dr. Julius Kane. Quer saber como os egípcios tiravam o cérebro das múmias, construíram as pirâmides ou amaldiçoaram a tumba do Rei Tut? Meu pai tem a resposta. É claro, há outros motivos para ele ter mudado tanto de lugar, mas naquela época eu ainda não sabia seu segredo.

Não frequentei a escola. Meu pai me dava aulas em casa (se bem que não havia uma casa). Ele me ensinou o que considerava importante, por isso aprendi muito sobre o Egito, sobre estatísticas de basquete e sobre seus músicos favoritos. Eu também leio muito — qualquer coisa que caia nas minhas mãos, dos livros de história de meu pai a romances de fantasia —, porque passo bastante tempo sentado em hotéis, aeroportos e sítios de escavação em países onde não conheço ninguém. Meu pai estava sempre me dizendo para deixar o livro de lado e ir jogar bola. Você já tentou encontrar alguém para bater uma bolinha em Assuã, no Egito? Não é fácil.

Enfim, meu pai me treinou desde cedo para manter todos os meus pertences em uma única mala que caiba no compartimento de bagagens acima do assento nos aviões. Ele fazia o mesmo, mas tinha direito a uma bolsa extra, do tipo carteiro, para suas ferramentas arqueológicas. Regra número 1: eu não estava autorizado a espiar sua bolsa de trabalho. Essa é uma regra que eu nunca havia quebrado, até o dia da explosão.

Aconteceu na véspera do Natal. Estávamos em Londres, para o dia de visita a minha irmã, Sadie.

Entenda: meu pai só podia passar dois dias por ano com ela — um no inverno, um no verão —, porque nossos avós o odeiam. Depois que nossa mãe morreu, os pais dela (nossos avós) moveram uma grande batalha judicial contra meu pai. Após seis advogados, duas brigas de socos e um ataque quase fatal com uma espátula (nem me pergunte!), meus avós conquistaram

o direito de manter Sadie com eles na Inglaterra. Ela só tinha seis anos, dois a menos que eu, e eles não podiam ficar com nós dois — ou essa foi a desculpa que deram para não ficar comigo também. Assim, Sadie cresceu nos colégios britânicos, e eu viajei pelo mundo com meu pai. Só a víamos duas vezes por ano, situação que, para mim, estava boa.

[Cale a boca, Sadie. Sim... já vou chegar a essa parte.]

Então, bem, meu pai e eu tínhamos acabado de aterrissar em Heathrow depois de alguns atrasos. Era uma tarde fria e úmida. No táxi, durante todo o trajeto até a cidade, meu pai parecia um pouco nervoso.

Papai é um homem bem grande. Era difícil imaginar algo que pudesse deixá-lo tenso. Ele tem a pele marrom-escura como a minha e olhos castanhos penetrantes, é careca e usa um cavanhaque, o que o deixa com jeito de “cientista do mal”. Naquela tarde, ele estava de casaco e com seu melhor terno, marrom, que costumava usar para as palestras. Normalmente, ele transmite tamanha confiança que domina qualquer ambiente onde entra, mas, às vezes — como naquela tarde —, eu via outro lado dele que não conseguia entender. Meu pai olhava insistentemente para trás, como se estivéssemos sendo seguidos.

— Pai? — disse quando saíamos da A-40. — Algum problema?

— Nem sinal deles — resmungou ele. Deve ter percebido que tinha falado alto, porque depois me olhou meio assustado. — Não é nada, Carter. Está tudo bem.

Aquilo me incomodou, porque meu pai mentia muito mal. Eu sempre sabia quando ele estava escondendo algo, mas também sabia que poderia insistir à vontade e nunca conseguiria arrancar dele a verdade. Provavelmente, estava tentando me proteger, embora eu não soubesse de quê. Às vezes, eu me perguntava se ele teria algum segredo sombrio em seu passado, talvez algum antigo inimigo que o perseguia. Mas a ideia parecia ridícula. Meu pai era só um arqueólogo.

Outra coisa que me incomodava: papai estava agarrado à bolsa com o material de trabalho. Com frequência, quando ele faz isso, significa que estamos em perigo. Como quando atiradores invadiram nosso hotel no Cairo. Ouvi disparos no saguão e desci correndo para ver se havia acontecido

algo com meu pai. Quando cheguei lá, ele estava totalmente tranquilo, fechando o zíper da bolsa, enquanto três atiradores inconscientes balançavam no ar, pendurados pelos pés no lustre, as cabeças cobertas pelas túnicas e, à mostra, as cuecas samba-canção. Papai disse não ter visto nada, e, no fim, a polícia atribuiu a ocorrência a um curto-circuito no lustre.

Em outra ocasião, fomos pegos no meio de um tumulto em Paris. Meu pai escolheu um carro estacionado perto de nós, empurrou-me para dentro, para o banco traseiro, e me disse que ficasse abaixado. Eu me joguei no piso do automóvel e mantive os olhos bem fechados. Podia ouvir meu pai no assento do motorista, vasculhando sua bolsa de trabalho, resmungado algo para si mesmo enquanto a multidão gritava e destruía coisas do lado de fora. Alguns minutos mais tarde, ele me disse que podíamos sair, que era seguro. Todos os outros carros no quarteirão haviam sido virados e incendiados. Já o nosso estava lavado e polido, com várias notas de vinte presas sob os limpadores de para-brisa.

De qualquer maneira, passei a respeitar aquela bolsa. Era nosso amuleto da sorte. E quando papai a mantinha por perto, significava que íamos mesmo precisar de sorte.

Atravessamos o centro da cidade rumo a leste, na direção da casa de meus avós. Passamos pelos portões dourados do Palácio de Buckingham e pela grande coluna de pedra na Trafalgar Square. Londres é um lugar muito legal, mas, depois de viajar por tanto tempo, todas as cidades começam a se misturar. Quando eu conheço outras crianças, elas costumam dizer: “Puxa, você tem sorte por viajar tanto.” Mas o caso é que não passávamos o tempo conhecendo os lugares, nem tínhamos muito dinheiro para viajar com estilo. Já tínhamos estado em locais bem ruins, e raramente ficávamos por mais de alguns dias. Na maior parte do tempo, era como se fôssemos fugitivos, não turistas.

Quer dizer, ninguém podia imaginar que o trabalho do meu pai era perigoso. Ele faz palestras sobre assuntos como “A magia do Egito pode realmente matar você?”, “As punições preferidas no mundo inferior egípcio” e outros pelos quais a maioria das pessoas não se interessa. Mas, como eu disse, ele tem aquele outro lado. Meu pai é sempre muito cauteloso, verifica

cada quarto de hotel antes de entrarmos. Ele entra depressa em um museu, examina seus artefatos, faz as anotações e sai ainda mais rapidamente, como se tivesse medo de ser detectado pelas câmeras de segurança.

Uma vez, quando eu era mais novo, atravessamos correndo o aeroporto Charles de Gaulle para pegar um voo de última hora, e meu pai não relaxou até que o avião decolasse. Perguntei, objetivamente, do que ele estava fugindo, e ele me olhou como se eu tivesse acabado de remover o pino de uma granada. Por um segundo, tive medo de que me dissesse a verdade. No entanto, ele respondeu: “Carter, não é nada.” Como se “nada” fosse a coisa mais terrível do mundo.

Depois disso, decidi que talvez fosse melhor não fazer perguntas.

Meus avós, os Faust, moram em um condomínio perto de Canary Wharf, bem às margens do rio Tâmis. O táxi parou junto ao meio-fio e meu pai pediu que o motorista esperasse.

Estávamos na metade da calçada quando papai parou. Ele se virou e olhou para trás.

— O que é? — perguntei.

Então, eu vi o homem com o casaco comprido. Ele estava do outro lado da rua, apoiado em uma grande árvore morta. Era gordo, com pele da cor de café torrado. O casaco e o terno preto de risca de giz pareciam caros. Os cabelos longos estavam presos em uma trança e ele usava um chapéu Fedora, que de tão baixo no rosto encostava nos óculos escuros redondos. Ele me lembrava um daqueles músicos de jazz a que meu pai sempre me levava para assistir. Eu não conseguia ver seus olhos, mas tinha a impressão de que estavam focados em nós. Talvez fosse um velho amigo ou colega de papai. Qualquer que fosse nosso destino, meu pai sempre encontrava conhecidos. Mas achei estranho o homem estar esperando ali, do lado de fora da casa de meu avô. E ele não parecia muito satisfeito.

— Carter — disse meu pai —, entre na frente.

— Mas...

— Vá buscar sua irmã. Eu encontro vocês no táxi.

Ele atravessou a rua para ir ao encontro do homem de casaco comprido, o que me deixava com duas possibilidades: segui-lo e descobrir o que estava acontecendo ou fazer o que ele tinha mandado.

Decidi pelo caminho menos perigoso. Fui buscar minha irmã.

Antes que eu pudesse sequer bater, Sadie abriu a porta.

— Atrasado, como sempre.

Ela segurava sua gata, Muffin, que tinha sido um presente de “despedida” de meu pai seis anos antes. Muffin parecia não crescer nem envelhecer. Seu pelo era amarelo e preto, como um leopardo em miniatura, os olhos amarelos eram atentos e as orelhas pontudas pareciam grandes demais para sua cabeça. Um pingente egípcio prateado enfeitava sua coleira. A gata não se parecia muito com um *muffin*, mas Sadie era pequena quando escolheu o nome, então acho que devemos relevar.

Sadie também não havia mudado muito desde o último verão.

[Ela está aqui do meu lado enquanto gravo, olhando para mim de cara feia, por isso acho melhor tomar cuidado ao descrevê-la.]

Você nunca diria que ela é minha irmã. Para começar, ela mora em Londres há tanto tempo que já tem certo sotaque britânico. Depois, ela puxou à nossa mãe, que era branca, por isso tem a pele muito mais clara que a minha. Seus cabelos são lisos, cor de caramelo — não exatamente louros, mas claros —, e ela costuma fazer mechas com cores vibrantes. Naquele dia, tinha mechas vermelhas do lado esquerdo. Seus olhos são azuis. Estou falando sério! Olhos *azuis*, como os de nossa mãe. Ela só tem doze anos, mas é tão alta quanto eu, o que é realmente irritante. Sadie mascava chiclete, como sempre, e a roupa que escolheu para passar o dia com papai foi jeans surrados, jaqueta de couro e coturnos — parecia pronta para ir a um show de rock e pisotear algumas pessoas. Os fones de ouvido iam pendurados no pescoço, caso nós a entediássemos muito.

[Bem, ela não me bateu, o que significa que devo ter feito um bom trabalho ao descrevê-la.]

— Nosso voo atrasou — expliquei a ela.

Sadie estourou uma bola de chiclete, afagou a cabeça de Muffin e jogou a gata para dentro de casa.

— Vó, estou saindo!

De algum lugar da casa, vovó Faust disse alguma frase que não consegui ouvir, provavelmente “Não os deixe entrar!”

Sadie fechou a porta e me olhou como se eu fosse um rato morto que sua gata levava para ela.

— Então, aqui estão vocês outra vez.

— É.

— Vamos, então — suspirou Sadie. — Vamos logo com isso.

Ela era assim. Nada de “Oi! Como passou os últimos seis meses? Que bom vê-lo!” ou coisa parecida. Mas eu não me incomodava com isso. Quando você só vê a outra pessoa duas vezes ao ano, ela acaba parecendo mais um primo distante que uma irmã. Não tínhamos absolutamente nada em comum, exceto pai e mãe.

Nós descemos a escada. Eu ia pensando que o perfume de Sadie me lembrava uma combinação de casa de pessoas velhas e chiclete, quando ela parou tão de repente que me choquei contra ela.

— Quem é aquele? — perguntou.

Eu quase tinha esquecido o sujeito de casaco comprido. Papai e ele permaneciam em pé do outro lado da rua, ao lado da árvore grande, e pareciam estar no meio de uma discussão muito séria. Meu pai estava de costas para nós, não dava para enxergar seu rosto, mas eu via que ele gesticulava bastante, como faz quando está agitado. O outro homem fez cara feia e balançou a cabeça negativamente.

— Não sei — respondi. — Ele estava ali quando descemos do táxi.

— Parece que o conheço. — Sadie franziu a testa, como se tentasse lembrar. — Vamos.

— Papai disse que esperássemos no táxi — avisei, mesmo sabendo que era inútil: Sadie já estava andando.

Em vez de atravessar logo a rua, ela disparou pela calçada por meio quarteirão, abaixando-se atrás dos automóveis, depois atravessou para o outro lado e ficou encolhida atrás de um muro baixo de pedras. Então começou a se aproximar de nosso pai sorratamente. Eu não tinha alternativa se não fazer o mesmo, embora me sentisse meio estúpido agindo daquela maneira.

— Seis anos na Inglaterra e ela pensa que é James Bond — resmunguei. Sadie fez um gesto de desdém, como se espantasse uma mosca, sem olhar para trás, e continuou se movendo.

Mais alguns passos e estávamos atrás da grande árvore morta. Eu ouvi meu pai falando do outro lado.

— ... é necessário, Amós. Você sabe que essa é a atitude correta.

— Não — respondeu o outro homem, que devia ser Amós. A voz era grave e firme, bastante obstinada. O sotaque era americano. — Se *eu* não o impedir, Julius, *eles* o impedirão. O Per Ankh está atrás de você.

Sadie se virou para mim e moveu os lábios formando as palavras: “Per o quê?”

Eu balancei a cabeça, tão confuso quanto ela.

— Vamos sair daqui — cochichei, porque achava que seríamos notados a qualquer momento, e estaríamos muito encrencados.

Sadie me ignorou, é claro.

— Eles não sabem dos meus planos — disse meu pai. — E quando descobrirem alguma coisa...

— E as crianças? — perguntou Amós.

Os pelos da minha nuca se arrepiaram.

— E quanto a elas? — insistiu ele.

— Já tomei providências para protegê-las — respondeu papai. — Além disso, se eu não fizer nada todos estaremos em perigo. Agora deixe-nos.

— Não posso, Julius.

— É o que você quer, me enfrentar? — O tom de meu pai tornou-se definitivamente sério. — Não poderia me vencer, Amós.

Eu não via meu pai recorrer à violência desde o Incidente da Grande Espátula, e não estava muito ansioso para assistir *àquilo* de novo, mas os dois homens pareciam estar indo na direção de um confronto.

Antes que eu pudesse reagir, Sadie se levantou e gritou:

— Papai!

Meu pai pareceu surpreso ao ser abraçado, mas não tanto quanto o outro homem, Amós. Ele recuou tão depressa que tropeçou no próprio casaco.

O homem tinha tirado os óculos, e não pude deixar de pensar que Sadie estava certa: ele parecia familiar, como uma lembrança muito distante.

— Eu... Eu preciso ir — anunciou Amós.

Ele ajustou o chapéu na cabeça e se afastou apressadamente pela rua.

Nosso pai observou enquanto o homem ia embora, com um braço sobre os ombros de Sadie e uma das mãos no interior de sua bolsa de trabalho, pendurada no ombro. Finalmente, quando Amós dobrou a esquina e desapareceu, papai relaxou. Ele tirou a mão de dentro da bolsa e sorriu para Sadie.

— Oi, meu bem.

Sadie se afastou e cruzou os braços.

— Ah, agora é *meu bem*, não é? Você está atrasado. O Dia da Visita do Papai está quase acabando! E o que foi isso? Quem é Amós, e o que é Per Ankh?

Papai ficou tenso. Ele me olhou como se tentasse perceber quanto da conversa havíamos escutado.

— Não é nada — respondeu ele, tentando soar animado. — Planejei uma tarde maravilhosa. O que acham de uma visita especial ao British Museum?

Sadie afundou-se no banco traseiro do táxi, entre mim e meu pai.

— Não acredito nisso — resmungou ela. — Só temos algumas horas juntos e você quer fazer pesquisa.

Papai tentou sorrir.

— Meu bem, vai ser divertido. O curador da coleção egípcia nos convidou pessoalmente...

— Certo, grande surpresa. — Sadie soprou a franja de mechas vermelhas para longe dos olhos. — Véspera de Natal, e vamos ver relíquias egípcias emboloradas. Você nunca pensa em outra coisa?

Papai não ficou zangado. Ele nunca se zanga com Sadie. Simplesmente olhou pela janela, para o céu escuro e para a chuva.

— Sim — respondeu ele em voz baixa. — Eu penso.

Sempre que papai ficava assim quieto, olhando para o nada, eu sabia que ele estava pensando em nossa mãe. Nos últimos meses isso tinha acontecido bastante. Eu entrava no quarto de hotel e o encontrava com o

celular na mão, a foto de mamãe sorridente olhando-o da tela — os cabelos dela presos sob um lenço, os olhos azuis brilhando muito na paisagem do deserto.

Ou estávamos em algum sítio de escavação e eu percebia papai olhando para o horizonte. Sabia que ele estava lembrando como a conhecera: dois jovens cientistas no Vale dos Reis, em uma escavação cujo propósito era encontrar a tumba perdida. Papai era egiptólogo. Mamãe era antropóloga e procurava DNA antigo. Ele tinha contado essa história mil vezes.

Nosso táxi seguia pela margem do Tâmis. Quando passamos pela ponte Waterloo, meu pai ficou repentinamente tenso.

— Motorista — chamou ele —, pare aqui um instante.

O motorista parou na margem Victoria.

— O que é, pai? — perguntei.

Ele saiu do carro como se não tivesse me ouvido. Quando Sadie e eu nos juntamos a ele na calçada, papai estava olhando para a Agulha de Cleópatra.

Caso você nunca tenha visto: a Agulha é um obelisco, não uma agulha, e nada tem a ver com Cleópatra. Acho que os britânicos simplesmente decidiram que o nome soava legal quando levaram o monumento para Londres. O obelisco tem cerca de vinte metros de altura, o que teria sido realmente impressionante no Egito Antigo, mas, no Tâmis, com todos aqueles edifícios enormes em volta, parecia pequeno e triste. Era possível passar de carro por ele sem sequer perceber que aquilo era alguma coisa milhares de anos mais velha que a cidade de Londres.

— Meu Deus. — Sadie andava em círculos, frustrada. — Precisamos parar em *todos* os monumentos?

Meu pai olhava para o topo do obelisco.

— Eu precisava vê-lo novamente — murmurou ele. — Onde aconteceu...

Um vento gelado soprou do rio. Eu queria voltar para o táxi, mas meu pai estava começando a me deixar realmente preocupado. Eu nunca tinha visto ele tão distraído.

— O que, pai? O que aconteceu aqui? — quis saber.

— Foi o último lugar onde a vi.

Sadie parou de andar. Ela me olhou carrancuda, confusa, depois olhou para nosso pai.

— Espere aí. Está falando da mamãe?

Meu pai ajeitou os cabelos de Sadie atrás de uma orelha, e ela ficou tão surpresa que nem o empurrou.

Eu tinha a sensação de que a chuva tinha me congelado. A morte da minha mãe sempre fora tema proibido. Eu sabia que ela havia morrido em um acidente em Londres. Sabia que meus avós culpavam papai. Mas ninguém jamais tinha nos contado os detalhes. Eu tinha desistido de perguntar a meu pai, em parte porque esse assunto o deixava muito triste, em parte porque ele se recusava a me dizer qualquer coisa.

“Quando você for mais velho”, era sua resposta habitual, e a mais frustrante que eu podia ouvir.

— Está dizendo que ela morreu aqui — perguntei —, na Agulha de Cleópatra? O que aconteceu?

Ele abaixou a cabeça.

— Papai! — protestou Sadie. — Eu passo por aqui *todo dia*, e você está dizendo... esse tempo todo... e eu nem *sabia*?

— Você ainda tem sua gata? — perguntou meu pai, e essa parecia ser uma pergunta bem estúpida.

— É claro que ainda tenho minha gata! — respondeu ela. — O que isso tem a ver com o assunto?

— E seu amuleto?

Sadie levou a mão ao pescoço. Quando éramos pequenos, pouco antes da Sadie ir morar com nossos avós, meu pai tinha dado um amuleto egípcio para cada um de nós. O meu era um Olho de Hórus, um símbolo de proteção popular no Egito Antigo.



Na verdade, meu pai diz que o símbolo moderno do farmacêutico, R, é uma versão simplificada do Olho de Hórus, porque a medicina tem a função de proteger o homem.

De qualquer maneira, eu sempre levo meu amuleto pendurado no pescoço, sob a camisa, mas imaginava que Sadie havia perdido o dela, ou jogado fora.

Para minha surpresa, ela balançou a cabeça em sentido afirmativo.

— É claro que sim, pai, mas não mude de assunto. A vovó está sempre falando sobre como você causou a morte da mamãe. Isso não é verdade, é?

Nós esperamos. Pela primeira vez, Sadie e eu queríamos exatamente a mesma coisa. A verdade.

— Na noite em que sua mãe morreu — começou meu pai —, aqui na Agulha...

De repente um raio iluminou a margem. Eu me virei, meio cego, e por um momento vi duas figuras: um homem alto e pálido com uma barba bifurcada e túnica cor de creme, e uma garota de pele acobreada em trajes azul-escuros e com um lenço na cabeça — roupas como eu havia visto centenas de vezes no Egito. Eles estavam ali parados, lado a lado, uns cinco metros distantes de nós, observando-nos. Então, a luz desapareceu. As figuras se fundiram num borrão. Quando meus olhos se acostumaram à escuridão, eles tinham desaparecido.

— Hum... — disse Sadie em tom nervoso. — Viu aquilo?

— Entrem no táxi — ordenou meu pai, empurrando-nos na direção do carro. — Não temos muito tempo.

Desse ponto em diante, papai se fechou.

— Esse não é um bom lugar para conversarmos — comentou, olhando para trás. Ele prometeu ao motorista do táxi dez libras a mais se ele nos levasse ao museu em cinco minutos, e o homem não media esforços.

— Pai — tentei —, aquelas pessoas no rio...

— E o outro cara, Amós — acrescentou Sadie. — São da polícia egípcia ou coisa parecida?

— Ouçam, vocês dois, vou precisar da ajuda de vocês esta noite. Sei que é difícil, mas terão de ser pacientes. Prometo que vou explicar tudo, depois que chegarmos ao museu. Farei com que tudo fique bem outra vez.

— Como assim? — insistiu Sadie. — *O que* vai ficar bem?

A expressão de meu pai era mais que triste. Era quase culpada. Senti um arrepio ao pensar no que Sadie dissera: sobre nossos avós culparem papai pela morte da mamãe. Ele *não podia* estar falando sobre isso, podia?

O táxi entrou na rua Great Russell e parou diante da porta principal do museu com um cantar estridente dos pneus.

— Sigam minhas instruções — indicou meu pai. — Quando encontrarmos o curador, ajam com naturalidade.

Eu achava que Sadie nunca se comportava de um jeito *natural*, mas decidi ficar quieto.

Descemos do táxi. Peguei nossa bagagem enquanto papai entregava ao motorista um bolo de dinheiro. Depois, ele fez algo estranho. Jogou um punhado de pequenos objetos no banco traseiro. Pareciam pedrinhas, mas estava muito escuro, eu não podia ter certeza.

— Siga em frente — disse ele ao motorista. — Leve-nos para Chelsea.

Isso não fazia sentido, porque já estávamos fora do carro, mas o motorista pisou no acelerador. Eu olhei para meu pai, depois para o automóvel, e antes que o carro virasse na esquina e sumisse na escuridão, estranhei ver três passageiros no banco traseiro: um homem e duas crianças.

Eu pisquei. Era impossível que o táxi já tivesse parado para pegar outros três passageiros.

— Pai...

— Em Londres os táxis não ficam vazios por muito tempo — comentou ele em tom despreocupado. — Venham, crianças.

Ele já se dirigia para a entrada do museu. Por um segundo, Sadie e eu hesitamos.

— Carter, *o que* está acontecendo?

Eu balancei a cabeça.

— Não sei se quero saber.

— Bem, fique aqui fora, no frio, se quiser, mas *eu* não vou sair daqui sem uma explicação. — Ela se virou e foi atrás de papai.

Pensando bem, eu devia ter corrido. Devia ter arrastado Sadie para longe dali e me afastado o máximo possível. Mas, em vez disso, passei pela porta de entrada.